

DA ENGRENAGEM BIOLÓGICA À FALTA CONSTITUTIVA:

O AMOR COMO ANTEPARO AO DESAMPARO E ENLACE NO LUTO

Fabiano Francys da Silva[1]

RESUMO

O presente artigo propõe uma articulação teórico-crítica acerca do fenômeno do amor, investigando suas ramificações desde a dimensão neurobiológica até suas formulações metapsicológicas, filosóficas e contemporâneas. Sob a lente da psicanálise e da filosofia da suspeita, o amor é analisado não como uma idealização romântica, mas como um operador fundamental de manejo do desamparo (*Hilflosigkeit*) estrutural humano. Através dos aportes de Sigmund Freud, Jacques Lacan, Melanie Klein e Friedrich Nietzsche, discute-se como o enlace amoroso atua como uma ficção necessária contra a angústia de aniquilamento, ao mesmo tempo em que cobra seu preço subjetivo ao expor o ego à iminência do luto e da perda. Por fim, recorre-se às contribuições de Ana Suy para compreender a articulação desse afeto na trama dos discursos e do laço social contemporâneo, situando o amor como o espaço possível entre duas solidões.

Palavras-chave: Psicanálise; Amor; Desamparo; Angústia; Luto.

FROM THE BIOLOGICAL GEAR TO THE CONSTITUTIVE LACK: LOVE AS A SHIELD AGAINST HELPLESSNESS AND A BOND IN GRIEF

ABSTRACT

This article proposes a theoretical-critical articulation regarding the phenomenon of love, investigating its ramifications from the neurobiological dimension to its metapsychological, philosophical, and contemporary formulations. Under the lens of psychoanalysis and the philosophy of suspicion, love is analyzed not as a romantic idealization, but as a fundamental operator for managing structural human helplessness (Hilflosigkeit). Through the contributions of Sigmund Freud, Jacques Lacan, Melanie Klein, and Friedrich Nietzsche, it discusses how the amorous bond acts as a necessary fiction against annihilation anxiety, while simultaneously extracting its subjective price by exposing the ego to the imminence of grief and loss. Finally, it resorts to the contributions of Ana Suy to understand the articulation of this affect within the network of discourses and the contemporary social bond, situating love as the possible space between two solitudes.

Keywords: Psychoanalysis. Love. Helplessness. Anxiety. Grief.

1 INTRODUÇÃO

O questionamento acerca da natureza do amor atravessa a história da civilização ocidental. Esse afeto oscila entre a santidade dos altares metafísicos e a vulgaridade das vivências cotidianas. Longe de ser um fenômeno puramente idílico, o amor não representa uma harmonia preestabelecida entre duas almas. Ele impõe-se ao sujeito contemporâneo como uma interrogação violenta. Esta se traduz, frequentemente, pelo estranhamento diante da própria dependência afetiva. Para a ciência contemporânea, o amor pode ser reduzido a um determinismo materialista. Trata-se de um imperativo biológico estruturado por um complexo arranjo neuroquímico. Nesse processo, a dopamina, a norepinefrina e a ocitocina atuam de forma sequencial. Esses hormônios garantem o acasalamento, a reprodução e a preservação da espécie através do apego (Félix *et al.*, 2026, p. 2). O cérebro opera em um estado de quase intoxicação farmacológica para fins evolucionários.

Contudo, a redução do amor à sua mecânica hormonal falha em responder à angústia humana. O bicho humano, capturado pela linguagem, subverte o instinto biológico em pulsão. Essa captura transforma a necessidade orgânica de reprodução em um enigma subjetivo. É precisamente nessa fresta entre o biológico e o simbólico que a psicanálise e a filosofia se inserem. A neurobiologia descreve com precisão o funcionamento da engrenagem. Em contrapartida, a metapsicologia freudiana e os desdobramentos pós-freudianos buscam compreender o que move o sujeito. Interessa entender por que ele investe tão sofregamente sua libido no Outro. Esse investimento ocorre mesmo sob o risco iminente da dor, da rejeição e do luto.

Este artigo propõe uma investigação teórica imbricada na clínica psicanalítica. Toma-se o amor como o principal anteparo construído pelo sujeito contra o desamparo (*Hilflosigkeit*) constitucional da condição humana. A hipótese central que norteia esta discussão assume o amor como uma ficção defensiva vital. Como assevera o pai da psicanálise, “tornamo-nos doentes quando, em consequência de entraves, não podemos amar” (Freud, 1914, p. 21). Amamos, portanto, para não adoecer diante da nossa própria incompletude. Criamos no Outro a ilusão de um porto seguro. Todavia, essa mesma barreira protetora que aplaca a angústia abre as portas para o luto. Ao enlaçar-se ao

objeto, o sujeito aceita um pacto doloroso. A perda deste significará a fragmentação temporária de si mesmo.

Para sustentar tal percurso epistemológico, este trabalho articula diferentes perspectivas teóricas. O percurso resgata o pensamento de Friedrich Nietzsche sobre a desmistificação dos valores. Aborda-se, também, o amor como criação estética da Vontade de Potência. O texto convoca a fundação metapsicológica de Sigmund Freud sobre o desamparo e o luto. Incluem-se os desdobramentos de Melanie Klein acerca da ansiedade aniquilatória e do amor como reparação. O artigo adensa-se com a subversão de Jacques Lacan, que localiza o amor na dimensão do engano e da falta constitutiva. Por fim, recorre-se às formulações de Ana Suy para tensionar esse afeto diante do isolamento contemporâneo. O enlace amoroso surge como a partilha de uma falta, pois "o amor não nos retira da solidão, ele a sublinha" (Suy, 2022, p. 15). Trata-se de delimitar o amor em sua quádrupla face: urgência pulsional do corpo, necessidade defensiva do ego, tragédia do desejo e espaço entre solidões compartilhadas.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A Ilusão Vital: Nietzsche e o Amor como Criação e Vontade de Potência

Para compreender o amor além do idealismo romântico ou do reducionismo orgânico, faz-se necessário convocar a filosofia da suspeita. Sob esse prisma, opera-se uma verdadeira genealogia dos afetos. O amor é despido de suas roupagens divinas e metafísicas para revelar-se, afinal, como um fenômeno humano, demasiado humano. O erro crasso das tradições filosóficas e religiosas anteriores consistiu em santificar esse sentimento. Essa santificação idealizada transformou uma urgência vital em virtude altruísta. Contrapondo-se a isso, define-se essa dinâmica de forma crua, uma vez que o amor ao próximo configura-se como um "desejo de nova propriedade" (Nietzsche, 2012, p. 43). Distanciando-se de tal ilusão, assevera-se que o enlace, em sua gênese, constitui a expressão máxima do desejo de posse e da Vontade de Potência ou *Wille zur Macht* (Nietzsche, 2005, p. 80).

Ao analisar a transição da paixão avassaladora para o laço duradouro, desmascara-se a suposta generosidade do amante. O que se convencionou chamar de amor configura-se, essencialmente, como o instinto de propriedade disfarçado. Trata-se do desejo sôfrego de transformar o outro em um território conquistado, alimentando e expandindo o próprio ego (Nietzsche, 2005, p. 112). Essa dinâmica predatória fica evidente quando se compara o amor à fome. Ambos os impulsos nascem do desejo de internalizar e digerir o objeto externo para a própria conservação e expansão subjetiva. Há, portanto, uma crueldade inerente a esse enlace. Exige-se a exclusividade, o controle e a submissão simbólica do amado, mascarando tal tirania sob o manto da devoção.

Entretanto, a genealogia nietzschiana não se limita a denunciar o egoísmo do amor, pois também reconhece nele uma função estética essencial para a economia da vida. A análise materialista e biológica demonstra que a paixão cega o sujeito por meio de uma inundação neuroquímica (Félix et al., 2026, p. 2). Contudo, o pensamento filosófico antecipa essa tese pelo viés da ilusão necessária. O ser humano, por ser o único animal consciente da tragédia e do absurdo da própria existência, necessita de véus ilusórios para tolerar a dureza do real. O amor atua como o mais potente desses véus. Nesse sentido, afirma-se com precisão que “no amor os homens querem ser cegados” (Nietzsche, 2005, p. 78). Ao hipervalorizar as qualidades do ser amado por meio de uma idealização delirante, o sujeito constrói uma ilha de sentido em meio ao caos do mundo, protegendo-se contra o niilismo.

Nesse horizonte, estabelece-se uma distinção clínica e conceitual crucial entre duas formas de amar, as quais se dividem pelo termômetro da força anímica do sujeito. A primeira delas é o amor que brota da penúria, da falta e do ressentimento. Trata-se do amor reativo, típico daqueles que buscam no outro um salvador ou uma muleta existencial para aplacar o próprio vazio. Esse amante esgota o objeto, pois o ama unicamente a partir de sua própria fraqueza. Em contrapartida, a segunda forma delineada é o amor que transborda da riqueza, da saúde e da Vontade de Potência ativa. É o amor criador, que não pede, mas doa. Ele rejeita a fusão simbiótica paralisante em prol da celebração da diferença. Esse amor superior suporta o sofrimento e a solidão,

enxergando no outro um companheiro de travessia, e não um mero anestésico contra o desamparo (Nietzsche, 2011, p. 62).

Ao desmistificar esse afeto, o pensamento nietzschiano prepara perfeitamente o terreno para a introdução da clínica psicanalítica. Ao apontar que o amor transita entre a busca desesperada por posse e a necessidade estética de criar uma ilusão protetora, a filosofia da suspeita abre portas fundamentais. Torna-se possível, a partir daqui, investigar o que há de mais arcaico no psiquismo: o terror do desamparo original. Esta é a ferida que o enlace amoroso tenta, a todo custo, cicatrizar.

2.2 O Desamparo Primordial e a Angústia de Existir: De Freud a Klein

Se a filosofia nietzschiana denuncia a ilusão estética do amor, a psicanálise freudiana localiza a raiz dessa ilusão na mais primitiva experiência humana. Trata-se do desamparo constitucional do vivente. O ser humano nasce em um estado de prematuridade biológica radical. Diferente de outros animais dotados de instintos para a sobrevivência imediata, o bebê humano é incapaz de realizar a ação específica para saciar suas necessidades orgânicas. Ele depende inteiramente da interferência de um agente externo. Esse estado crônico de vulnerabilidade coloca o organismo à mercê de uma inundação de estímulos que ele não consegue escoar de forma autônoma. O fenômeno gera o protótipo daquilo que a metapsicologia conceitua como a angústia traumática (Freud, 2014, p. 32).

O Outro cuidador emerge, portanto, como o primeiro anteparo contra o aniquilamento psíquico. A primeira situação de perigo reconhecida pelo ego consiste, fundamentalmente, na perda do objeto ou da proteção deste. O afeto correspondente funciona como um sinal de alerta contra o medo de reviver o desamparo inicial. Nesse contexto, afirma-se graficamente que “a essência do perigo de desamparo reside na superacumulação de excitação que exige satisfação” (Freud, 2014, p. 54). Consequentemente, o amor revela sua face defensiva primordial. O sujeito investe sua libido no objeto externo para se proteger da própria fragilidade constitucional. O enlace surge como o preço pago pelo ego para não adoecer de fragmentação.

Aprofundando a cartografia desse psiquismo arcaico, o pensamento kleiniano avança na compreensão de como o amor e a angústia se estruturam nas camadas mais primitivas do desenvolvimento emocional. O bebê não vivencia o desamparo de forma passiva, mas através de uma intensa dinâmica de fantasias inconscientes. Na chamada posição esquizoparanóide, marcada pela ansiedade de aniquilamento, o self projeta suas pulsões de morte e de vida no seio materno. O objeto é cindido de forma maniqueísta entre um aspecto bom e um persecutório (Klein, 1997, p. 22).

O amor propriamente dito começa a se desenhar na transição para a posição depressiva. Nesse estágio, o ego em vias de integração passa a perceber que o objeto amado e o objeto odiado constituem a mesma e única pessoa. Essa descoberta desencadeia a ansiedade depressiva. O sujeito é assolado pela culpa e pelo pavor de que seus ataques agressivos fantasiosos tenham destruído o objeto de quem tanto depende. Diante disso, assevera-se que “a tendência à reparação desempenha um papel decisivo no desenvolvimento do amor e da identificação” (Klein, 1996, p. 315).

É precisamente a partir dessa dor insuportável da culpa depressiva que nasce o motor do amor maduro. Amar transforma-se no esforço contínuo de restaurar, proteger e recriar o objeto bom interno e externo. O sentimento deixa de ser apenas uma busca egoísta por amparo para se tornar uma responsabilidade ética com a preservação do Outro. Contudo, essa mesma ligação estreita faz com que o sujeito permaneça vulnerável. O laço amoroso, ao mesmo tempo em que repara a fragmentação paranoigênica, recoloca o indivíduo diante do risco iminente da perda. Essa vulnerabilidade estrutural obriga a investigação das amarras que a teoria lacaniana impõe a essa dinâmica.

2.3 Amar é Dar o que Não Se Tem a quem não o quer: A Virada Lacaniana

Se o pensamento freudiano localiza o amor na busca por amparo e a teoria kleiniana no esforço de reparação, a perspectiva lacaniana opera uma subversão cortante. Esse deslocamento conceitual situa o afeto na dimensão do impossível e do engano estrutural. Afastando-se de qualquer promessa de completude ou de fusão das almas, introduz-se uma máxima que ecoa como um veredito trágico sobre a condição

humana. Afirma-se que “amar é dar o que não se tem a quem não o quer” (Lacan, 2010, p. 288). Para compreender o peso dessa afirmação que esvazia as certezas do ego, é preciso investigar a constituição do sujeito. Nesse horizonte, o amor não nasce da riqueza interna, mas sim do coração da própria miséria subjetiva.

Para a psicanálise de orientação lacaniana, o ser humano configura-se como um sujeito cindido, marcado por uma falta constitutiva provocada pela sua entrada no universo da linguagem. Ao ser capturado pelo ecossistema das palavras, o vivente perde o contato com a totalidade do corpo e do instinto. Ele é exilado do Real e condenado a desejar através de símbolos. Essa ferida aberta constitui um vazio central que nenhuma substância no mundo é capaz de tamponar. Trata-se da própria engrenagem do desejo. É desse vazio que brota o amor. O sujeito não ama a partir daquilo que ele possui na ordem das posses imaginárias. Ele ama a partir de seu deserto. Amar configura-se como o ato de oferecer ao Outro a sua própria impotência e vulnerabilidade (Lacan, 2010, p. 290).

Contudo, a dinâmica amorosa ganha contornos complexos na segunda metade da fórmula tradicional. O Outro a quem o amante dirige sua súplica também representa um sujeito em falta. Ele constitui uma criatura igualmente desamparada e sedenta de completude. O amado rejeita receber a falta do amante, pois encontra-se ocupado em esconder o seu próprio vazio. O parceiro deseja o objeto mítico que ele ilusoriamente supõe que o amante guarda dentro de si. Esse brilho oculto conceitua-se na teoria como o agalma (Lacan, 2010, p. 182). O amor torna-se, então, um desencontro. Um sujeito oferece seu vazio a um Outro que, por sua vez, busca um tesouro imaginário inexistente.

Nesse desencontro estrutural, o amor revela-se como uma ficção necessária e como o engano mais doloroso produzido pelo psiquismo. O sujeito nunca ama a pessoa real colocada diante de si. Ele ama o lugar que ela ocupa na economia psíquica. O objeto amado é revestido com as vestes do objeto a, o objeto causa de desejo. Esse elemento representa a lasca de Real perdida na fundação do sujeito que promete, falsamente, o retorno à plenitude (Lacan, 2016, p. 45). O amor funciona como esse milagre efêmero

que faz com que a falta pareça suportável, transformando o desamparo em uma ilusão compartilhada.

Amar, na esteira lacaniana, exige coragem, pois significa despir-se das defenses neuróticas e aceitar que o laço se assenta sobre o vazio. Na teorização sobre o tema, postula-se a máxima de que “amar é dar o que não se tem a quem não o quer” (Lacan, 2010, p. 288). Ocorre o reconhecimento de que o sujeito está irremediavelmente só. Essa exposição absoluta à falta confere ao amor sua dignidade singular. Contudo, ela também deixa o indivíduo à mercê do terror mais profundo. Trata-se do momento em que o engano se desfaz e o sujeito é jogado de volta à verdade nua do luto e da perda.

2.4 O Amor na Contemporaneidade: As Contribuições de Ana Suy e o Encontro com a Solidão

A virada lacaniana encontra eco e arrefecimento clínico na literatura psicanalítica brasileira. Esse movimento ganha contornos específicos nas formulações de Ana Suy. A psicanalista traduz a opacidade dos conceitos estruturais para uma linguagem voltada ao sujeito hipermoderno. Esse indivíduo se encontra asfixiado pelas promessas de felicidade imediata do consumo afetivo. No arcabouço teórico em questão, o enlace amoroso é reposicionado não como o oposto da solidão, mas como a sua própria consequência e desdobramento mais íntimo. Assevera-se que a solidão não constitui um fracasso existencial ou a simples ausência de outrem, mas sim a nossa condição de base (Suy, 2022, p. 14). Trata-se do solo do qual o sujeito parte e para onde inevitavelmente retorna.

Sob essa ótica, a neurose contemporânea reside na tentativa de fazer do amor um anestésico contra o vazio. O sujeito atual busca o par afetivo como uma mercadoria capaz de preencher suas lacunas identitárias e aplacar o t tédio. Todavia, adverte-se que o amor real opera na contramão dessa lógica mercantil. Amar não representa encontrar a totalidade. Significa ter a coragem de visar o enlace e tolerar o encontro com o deserto subjetivo. Como aponta a produção científica sobre essa dimensão, “o amor não nos retira da solidão, ele a sublinha” (Suy, 2022, p. 15). A falta constitucional permanece intacta. O amor não cura a solidão, mas a ilumina e a torna habitável.

Aprofundando essa dinâmica, resgata-se a dimensão do tempo e do desencontro na tessitura dos laços afetivos. Em consonância com a máxima lacaniana sobre a impossibilidade de uma fusão perfeita entre dois universos, aponta-se que o amor exige o luto das expectativas ideais. Amar o outro real implica abrir mão do objeto imaginário construído pela fantasia. Há uma dor crônica envolvida nesse processo de desidealização. Ocorre a descoberta de que o parceiro não possui as respostas para os enigmas subjetivos (Suy, 2022, p. 48).

Essa perspectiva ganha contornos de ética clínica quando se discutem os limites do afeto no laço social. Alerta-se para o perigo de instrumentalização do parceiro como curador de feridas infantis ou guardião do desamparo. O amor na clínica contemporânea só se sustenta quando o sujeito consegue demarcar o seu próprio vazio. Essa demarcação impede que o parceiro o invada ou tente tamponá-lo de maneira simbiótica. Com efeito, afirma-se textualmente que "amar o vazio do outro é o que há de mais difícil e de mais bonito no amor" (Suy, 2023, p. 52). O afeto configura-se como o espaço criado entre duas solidões, e não a aniquilação delas.

Portanto, as contribuições teóricas analisadas humanizam o rigor conceitual ao demonstrar que a impossibilidade do amor-perfeito não invalida o encontro. É justamente pela incompletude e pelo isolamento de base que o laço adquire valor de sobrevivência psíquica. Contudo, ao aceitar o risco de sair da fortaleza solitária para investir no Outro, o sujeito torna-se vulnerável à sua partida. Essa transição conduz ao passo seguinte deste percurso: o entendimento de que o preço cobrado pela coragem de amar é a iminência da perda.

2.5 O Preço do Enlace: O Luto da Perda e a Dor de Amar

Ao cruzar o deserto das solidões compartilhadas e aceitar a vulnerabilidade imposta pelo laço, o sujeito depara-se com o reverso da dinâmica amorosa. Trata-se da iminência da perda. A psicanálise demonstra que o luto não constitui um acidente de percurso, um erro de cálculo ou uma patologia do afeto. Ele configura-se como o preço cobrado pela audácia de ter amado. Investiga-se, sob esse prisma, os mecanismos psíquicos ativados quando o objeto investido de libido é retirado do mundo real. Esse

desaparecimento decorre da morte física, do abandono ou do encerramento de um pacto afetivo. O luto surge como uma reação normal e dolorosa à perda de quem havia sido internalizado como parte do próprio ego (Freud, 2010, p. 171).

A dor do luto reside no caráter econômico da libido. Ao amar, o sujeito estende tentáculos pulsionais em direção ao Outro, hipervalorizando-o e depositando nele projeções e defesas contra o desamparo original. No momento em que esse objeto desaparece, a libido não retorna imediatamente para o ego. Ela permanece atada ao fantasma do objeto perdido. Como assinala a teoria, o grande trabalho do luto (*Trauerarbeit*) consiste na tarefa exaustiva de convencer o psiquismo, através do exame de realidade, de que o objeto não existe mais. Cada lembrança e expectativa depositada no Outro precisam ser desinvestidas, uma a uma. Esse processo consome uma quantidade colossal de energia anímica (Freud, 2010, p. 172).

É por essa razão que o luto compromete a integridade psíquica. A perda do objeto amado remove o anteparo que ocultava a falta constitutiva, arremessando o sujeito de volta ao estado de Hilflosigkeit original. O luto escancara a ferida que o amor tentava cicatrizar, isto é, a verdade nua da solidão estrutural. Perder o Outro significa perder o espelho que devolvia uma imagem integrada do self. Sem o olhar do amado para validação, o ego experimenta um esvaziamento temporário. Diante desse cenário, a metapsicologia postula que, “na melancolia, o ego se apresenta como empobrecido e vazio, ao passo que no luto é o mundo que se tornou pobre” (Freud, 2010, p. 175).

Essa dinâmica adquire contornos contemporâneos quando articulada à literatura psicanalítica brasileira recente. O luto não se restringe ao fim cronológico de uma relação, pois ele habita o interior do próprio laço vivo. Amamos no luto contínuo da idealização que decai cotidianamente. Ocorre a aceitação diária de que o parceiro real nunca corresponderá ao objeto mítico exigido pela neurose. Portanto, a dor de amar e a dor de perder são faces da mesma moeda existencial (Suy, 2022, p. 84). O sujeito que se blinda contra o luto, recusando-se a investir no Outro por medo do abandono, condena-se a um isolamento narcísico empobrecido.

O luto passa a ser lido, portanto, como um ato de resistência e de dignidade subjetiva. Ele atesta que o amor, apesar de sua estrutura construída sobre o engano e sobre a falta, configurou uma experiência real de alteridade. Como aponta a produção científica contemporânea sobre a perda, “elaborar o luto é dar um lugar para a ausência” (Suy, 2022, p. 89). A dor que tensiona o psiquismo do enlutado funciona como a prova irrefutável de que ele abriu mão de sua autossuficiência defensiva. Arriscar-se no território imprevisível do Outro torna o luto, em última análise, o testemunho final do investimento que se esvaiu.

2.6 O Amor na Trama dos Discursos e do Laço Social Contemporâneo

Para além da dinâmica intrapsíquica na busca pelo objeto, o amor estrutura-se dentro de coordenadas históricas e discursivas específicas. Na metapsicologia lacaniana, o discurso não se reduz à linguagem falada. Ele define-se como uma estrutura formal que regula os laços sociais e determina as posições subjetivas. Ao propor a teoria dos quatro discursos, a vertente demonstra como o sofrimento anímico e as formas de amar sofrem o impacto das mutações culturais (Lacan, 2015, v. 17, p. 12). No cenário contemporâneo, o amor é atravessado por uma modificação severa dessa engrenagem. Trata-se da emergência daquilo que a teoria cunhou como o Discurso do Capitalista.

O Discurso do Capitalista opera uma subversão inédita nas relações afetivas ao tentar abolir a dimensão da falta constitutiva. Essa falta, conforme exaustivamente debatido, constitui o próprio motor do amor e do desejo. A engrenagem sociocultural contemporânea vende a ilusão de que o desamparo original pode ser inteiramente tamponado pelo consumo de objetos de rápida obsolescência. Essa lógica mercantil invade o campo dos afetos, transformando o Outro em um objeto descartável. O amor passa a ser capturado pela técnica e pela utilidade. O parceiro é hipervalorizado enquanto performa eficiência e satisfação narcísica, sendo prontamente substituído diante do menor sinal de frustração (Lacan, 2015, v. 17, p. 34).

Essa mercantilização do laço social articula-se cirurgicamente à denúncia sobre o empobrecimento das trocas afetivas na atualidade. A literatura psicanalítica recente aponta que a sociedade de desempenho exige sujeitos autossuficientes e blindados.

Esses indivíduos enxergam a dependência emocional inerente ao amor como uma fraqueza a ser extirpada. O imperativo contemporâneo ordena que o sujeito se ame primeiro de forma egoica, criando uma barreira narcísica que impede o verdadeiro encontro com a alteridade. Como adverte a formulação teórica sobre esse cenário, “na lógica do capitalista, o sujeito consome o outro como um objeto e não como um sujeito” (Suy, 2022, p. 114).

O Discurso do Capitalista promete o amor sem o risco da dor, sem o trabalho do luto e sem o peso da angústia. O resultado desse arranjo, contudo, configura-se na proliferação de sintomas clínicos graves. Destacam-se a solidão desamparada, o tédio existencial e a incapacidade crônica de sustentar vínculos duradouros. A queixa clínica sobre o desamor ou sobre a dor da perda não representa um drama puramente individual. Trata-se, com efeito, do sintoma de uma época que comercializa o afeto e silenciar a angústia de existir. Diante desse mal-estar na cultura, afirma-se graficamente que “o laço social contemporâneo tenta forcluir a dimensão da falta” (Lacan, 2015, v. 17, p. 48).

Portanto, analisar o amor sob a ótica dos discursos desvela determinantes estruturais cruciais. Para que o enlace aconteça, faz-se necessário subverter o discurso vigente. Essa subversão opera sustentando o laço social a partir da partilha das próprias faltas, e não da exibição de potências imaginárias. É esse entendimento ético e político que norteia a prática clínica psicanalítica e que conduz esta investigação às suas considerações finais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação teórica empreendida permitiu despir o fenômeno do amor de suas roupagens idílicas. Esse movimento retirou o afeto dos altares metafísicos para localizá-lo em sua tripla e violenta encruzilhada: imperativo da carne, ficção defensiva do ego e tragédia do desejo. Ao cruzar a perspectiva nietzschiana com as formulações da metapsicologia clássica e contemporânea, desvelou-se que o enlace não opera na ilusão da completude. Ele atua, essencialmente, no território da falta constitutiva. O sentimento

emerge como o mais sofisticado e vital anteparo construído pelo vivente para fazer frente ao desamparo (*Hilflosigkeit*) estrutural que o condena desde o nascimento.

A travessia por este percurso revelou que amar constitui uma partilha de misérias subjetivas. Através da vertente nietzschiana, compreendeu-se que o amor exige uma mentira artística vital e um véu estético que falsifica a dureza do real. Esse mecanismo permite ao sujeito tolerar o absurdo da existência (Nietzsche, 2012, p. 45). Os estudos de orientação freudiana e kleiniana demonstraram que esse investimento pulsional no Outro configura o preço pago pelo psiquismo para evitar o naufrágio na angústia traumática. Trata-se da tentativa de cicatrizar a vulnerabilidade do nascimento e de reparar os objetos internos (Klein, 1996, p. 315). A abordagem lacaniana radicalizou esse destino ao inscrever o amor na dimensão do engano e do impossível (Lacan, 2010, p. 288). Essa máxima é acolhida pela clínica de Ana Suy, que localiza no abraço entre duas solidões irredutíveis a única chance de um encontro autêntico (Suy, 2022, p. 15).

Conclui-se, portanto, que o preço cobrado pela renúncia à autossuficiência narcísica e pela busca em direção ao Outro consiste na iminência do luto e na reativação da angústia de aniquilamento. Quando o objeto amado parte, o sujeito retorna à nudez de sua solidão de base. Todavia, é precisamente nessa ferida aberta que o luto se consolida não como uma patologia do afeto, mas como a prova de que o amor existiu em sua dignidade clínica mais pura (Freud, 2010, p. 175). O luto configura-se como a última declaração de amor direcionada ao fantasma do objeto perdido. A dor do desinvestimento libidinal funciona como o eco do espaço que o Outro ocupava na economia psíquica.

Para a práxis da psicologia e da psicanálise, o manejo dessa dor impõe uma ética que subverte o discurso contemporâneo do consumo descartável e da autossuficiência cega. Acolher o sujeito enlutado ou angustiado não significa curá-lo de sua falta ou lhe oferecer um anestésico contra o vazio. O manejo clínico visa sustentá-lo na dignidade de compreender que chorar a perda do Outro evidencia a própria humanidade. Em última análise, diante do questionamento visceral sobre a natureza real do amor, conclui-se que ele representa o milagre de duas criaturas irremediavelmente sós. Condenados ao

desamparo e à linguagem, os sujeitos decidem construir uma ficção poética compartilhada para tornar o silêncio do universo suportável. A entrega a esse impossível confere à existência sua dimensão mais significativa.

[1] UNIVISA, Vitória de Santo Antão, PE, Brasil. Email: fabiano.202221025@univisa.edu.br



REFERÊNCIAS

FÉLIX, Gabriel dos Santos *et al*. Afeto, Ciência e Sociedade: uma revisão narrativa sobre a neurobiologia do amor romântico. *Cadernos de Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 1-11, 2026.

FREUD, Sigmund. *Inibição, sintoma e angústia (1926)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras completas, v. 17).

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia (1917)*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KLEIN, Melanie. *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945).* Tradução de Albinia de Carvalho. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obras completas de Melanie Klein, v. 1).

KLEIN, Melanie. *Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963).* Tradução de Lúcia Mattos. Rio de Janeiro: Imago, 1997. (Obras completas de Melanie Klein, v. 3).

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 8*: a transferência (1960-1961). Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10:* a angústia (1962-1963). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2016.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17:* o avesso da psicanálise (1969-1970). Tradução de Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência (1882).* Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra:* um livro para todos e para ninguém (1883). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano:* um livro para espíritos livres (1878). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SUY, Ana. *A gente mira no amor e acerta na solidão.* São Paulo: Paidós, 2022.

SUY, Ana. *Não pise no meu vazio.* São Paulo: Planeta, 2023.